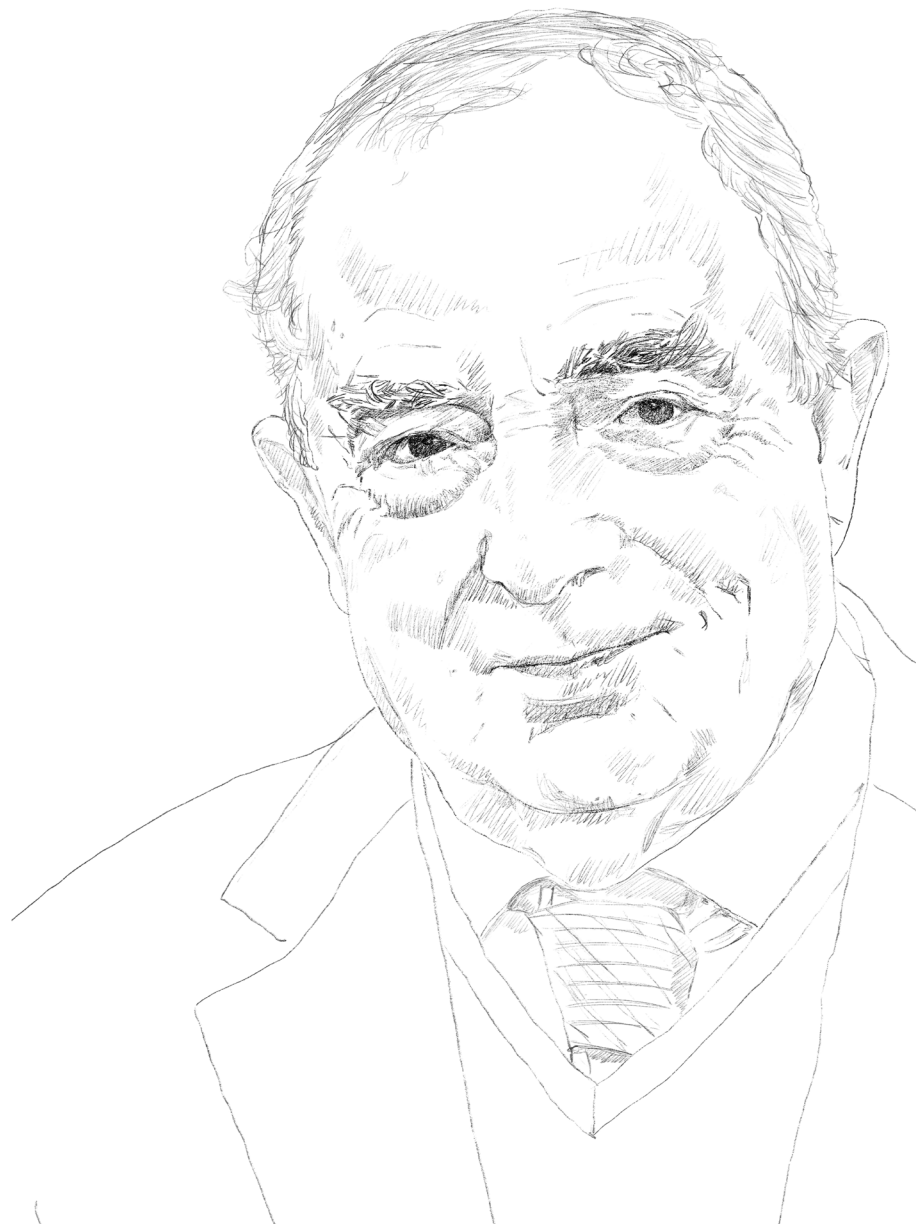


III CONFERÊNCIA **MANUEL FERREIRA PATRÍCIO**

**Novos caminhos
para uma educação
integrada**



Comissão organizadora

Ana Pinto

António Louro

Dionísia Sousa Gomes

Elsa Elias

Filipa Belchior

Filipa Palma dos Reis

João Manuel Nabeiro

Joaquim Mourato

Luís Sebastião

José Manuel Mata Justo

Maria Emília Apolinário

Tiago Ferreira

Conceção Gráfica

Lara Domingues

Design Editorial

David Ferreira

Imagens

Equipa técnica do Centro

de Ciência do Café

ISBN: -

Agradecimentos

--

III CONFERÊNCIA
**MANUEL
FERREIRA
PATRÍCIO**

Novos caminhos
para uma educação
integrada

**CENTRO
de CIÊNCIA
do CAFÉ**

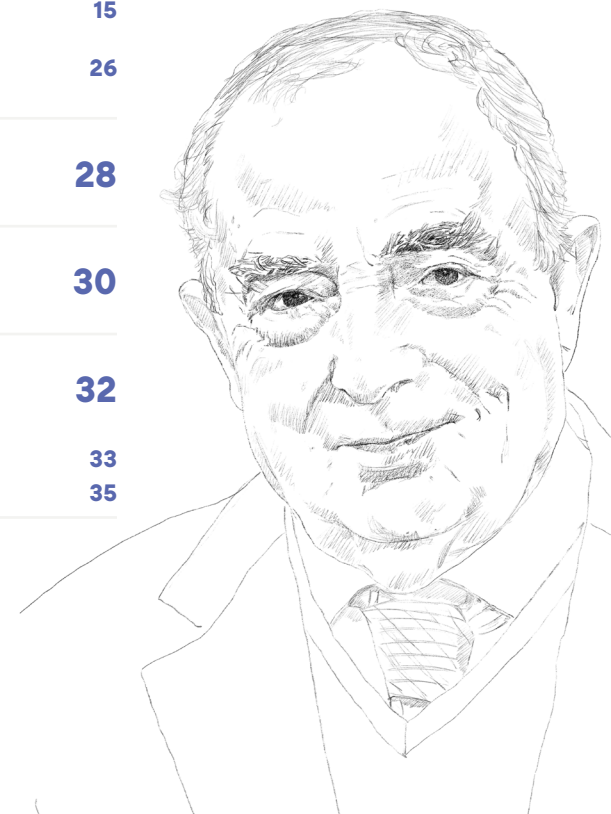
Aniversário

5 de Setembro 2024

III CONFERÊNCIA
**MANUEL
FERREIRA
PATRÍCIO**
Novos caminhos
para uma educação
integrada

Índice

C1	Capítulo 1 Programa	6
C2	Capítulo 2 Sessão de Abertura	8
C3	Capítulo 3 Oradores Convidados	14
	Rui Proença Garcia: Contributo da Educação Física para a concretização do ideal de Escola como Oficina da Humanidade	15
	Pedro Santa Clara: Experiência de aprendizagem na interseção da tecnologia e criatividade - Programa TUMO	26
C4	Capítulo 4 Assinatura de Protocolo	28
C5	Capítulo 5 Momento Musical	30
C6	Capítulo 6 Sessão de Encerramento	32
	Rita Nabeiro	33
	Pedro Dantas da Cunha	35



3ª Conferência Manuel Ferreira Patrício

III CONFERÊNCIA
**MANUEL
FERREIRA
PATRÍCIO**
Novos caminhos
para uma educação
integrada

Capítulo 1

Programa

09H30 /CHECK-IN

09H45 /WELCOME COFFEE

10H15 / SESSÃO DE ABERTURA

JOÃO MANUEL NABEIRO / PRESIDENTE DA COMISSÃO ORGANIZADORA

HERMÍNIA VILAR / REITORA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

10H40 / ORADORES CONVIDADOS



Contributo da Educação Física
para a concretização do ideal
de Escola como Oficina da Humanidade

RUI PROENÇA GARCIA

/ PROF. CATEDRÁTICO UNIVERSIDADE DO PORTO



Experiência de aprendizagem
na interseção da tecnologia
e criatividade - Programa TUMO

PEDRO SANTA CLARA

/ FUNDADOR DA ESCOLA DE PROGRAMAÇÃO 42 - LISBOA E PORTO

12H00 / ASSINATURA DE PROTOCOLO

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA, CORAÇÃO DELTA
E COMISSÃO LIQUIDATÁRIA DA AEPEC**

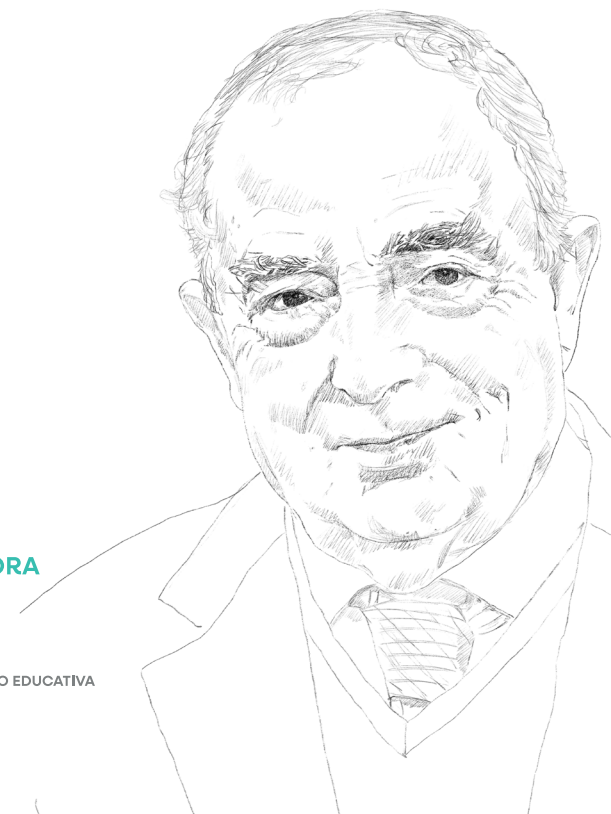
12H10 / MOMENTO MUSICAL

GRUPO DE ESTUDANTES DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

12H30 / SESSÃO DE ENCERRAMENTO

RITA NABEIRO / PRESIDENTE DA DIREÇÃO CORAÇÃO DELTA

PEDRO DANTAS DA CUNHA / SECRETÁRIO DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO E INOVAÇÃO EDUCATIVA



III CONFERÊNCIA
**MANUEL
FERREIRA
PATRÍCIO**
Novos caminhos
para uma educação
integrada

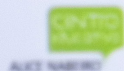
Capítulo 2

Sessão de Abertura



JOÃO MANUEL NABEIRO

Presidente da Comissão Organizadora
da III Conferência Manuel Ferreira Patrício
Chairman do Grupo Nabeiro - Delta Cafés



João Manuel Nabeiro

Presidente da Comissão
Organizadora, Chairman Grupo
Nabeiro Delta-Cafés

É com grande honra que dou as boas-vindas a todos e a todas, à 3ª Conferência Manuel Ferreira Patrício, organizada pela Associação de Solidariedade Social Coração Delta, do Grupo Nabeiro – Delta Cafés.

Hoje, ao iniciarmos a 3ª conferência, continuamos uma tradição que se estende para além de um simples evento anual, pois pretende substanciar-se na perpetuação do legado de um dos mais brilhantes pensadores e pedagogos que Portugal já conheceu.

Na última conferência, tive a oportunidade de conversar convosco acerca da responsabilidade que todos nós transportamos, de manter viva a chama do Professor Manuel Ferreira Patrício.

Relembremos o seu profundo compromisso com a educação, a sua visão pluridimensional da Escola Cultural, e como cada um de nós

tem a missão solene de garantir que as suas contribuições não se percam nas marés do tempo, mas que continuem a iluminar o caminho da educação, não só em Portugal, mas no mundo.

Hoje, ao reunir-nos novamente, sentimo-nos impulsionados a dar mais um passo nesta viagem.

Desta vez, porém, lançamos um repto mais desafiante. Queremos preservar, mas também expandir, o legado do Professor Patrício.

Queremos ser agentes proativos na abertura de novas fronteiras na reflexão sobre a educação, com a mesma profundidade que o Professor Patrício sempre cultivou.

Nesta 3ª conferência, serão destacados novos caminhos para uma educação integrada, refletindo a evolução das necessidades educativas, numa sociedade em constante transformação.

Não se trata apenas de continuar o trabalho que o Professor Patrício iniciou, mas também de inovar, de nos adaptarmos às novas realidades e desafios, mantendo a essência dos valores que ele nos legou.

Hoje, assistiremos a contributos importantíssimos. Como sabem, o conceito de ensino-aprendizagem na filosofia do Professor Manuel Ferreira Patrício está profundamente ligado à sua visão holística e cultural da educação.

Para Manuel Patrício, o processo educativo não se limita à transmissão de conhecimentos, mas é um ato cultural que envolve o desenvolvimento integral da pessoa.

Ele via a educação como um processo formativo que deve abarcar tanto o "saber saber", como o "saber ser" e o "saber estar", compondo assim uma pedagogia integral que visa a formação intelectual e o desenvolvimento pessoal e social.

E ninguém melhor do que os nossos ilustres oradores convidados, o Sr. Professor Rui Proença Garcia e o Sr. Professor Pedro Santa Clara, para nos trazerem clareza e inspiração acerca da Educação Física na construção da Escola como Oficina da Humanidade e sobre as Interseções entre a Tecnologia e a Criatividade, através da experiência inovadora do Programa TUMO.

Bem-hajam Srs. Professores!

Estes temas, como compreenderão, não poderiam ser mais pertinentes num mundo onde a educação não pode continuar a ser encarada como um conjunto de disciplinas isoladas, mas sim como uma rede integrada de saberes e práticas.

E, complementando esta visão holística, é crucial refletirmos sobre o papel que as novas tecnologias,

em particular a inteligência artificial, podem desempenhar no processo educativo. A IA, quando integrada com sabedoria e ética, pode ser uma poderosa aliada na personalização do ensino, respeitando os ritmos individuais de cada aluno e promovendo um ambiente de aprendizagem que vai além do puramente intelectual.

A IA pode contribuir significativamente para o "saber saber", mas também para o "saber ser" e o "saber estar", enriquecendo a formação integral que o Professor Patrício tanto valorizava.

No entanto, também devemos estar cientes dos riscos que a IA pode introduzir no processo de ensino-aprendizagem, caso seja mal orientada.

Se utilizada de forma inadequada, a IA pode reforçar abordagens mecanicistas e desumanizadas, transformando a educação num processo automatizado que ignora a complexidade do desenvolvimento humano.

A dependência excessiva de algoritmos para tomar decisões, pode limitar a criatividade, a autonomia e a capacidade crítica dos alunos, tornando-os meros recetores passivos de informações.

Por isso, é essencial que o uso da IA na educação seja guiado por princípios éticos sólidos e por uma visão pedagógica que coloque o desenvolvimento humano no centro do processo educativo.

Desta forma, podemos assegurar que a tecnologia se assume como um complemento enriquecedor, e não como um substituto da dimensão humana na educação.

A nossa missão é, portanto, dupla: preservar e inovar.

Ao promovermos a reflexão acerca das boas

práticas de inovação educativa, como as que serão discutidas hoje, honramos a memória do Professor Patrício e, ao mesmo tempo, pavimentamos o caminho para as gerações futuras.

Estamos a plantar as sementes para uma educação que, para além da transmissão de conhecimento, capacita, inspira e transforma, através da inclusão de práticas pedagógicas inovadoras, como por exemplo, a sala de aula invertida.

Esta metodologia, como saberão, inverte o modelo tradicional de ensino e coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, promovendo a autonomia e o pensamento crítico.

Os alunos, ao serem convidados a estudarem os conteúdos teóricos em casa, podem dedicar mais tempo de sala de aula à resolução de problemas e à discussão e à aplicação prática do conhecimento.

Desta forma, os alunos desenvolvem competências essenciais para enfrentarem os desafios de um mundo em constante mudança.

Este tipo de inovação, estimula que a educação evolua de forma a preparar os estudantes para serem cidadãos ativos e conscientes, capazes de contribuir significativamente para a sociedade.

Esta 3ª conferência é também uma oportunidade para fortalecer parcerias, como veremos na assinatura do protocolo entre a Universidade de Évora, o Coração Delta, e a Comissão Liquidatária da AEPEC (Associação de Educação Pluridimensional e da Escola Cultural).

Esta colaboração é um exemplo concreto de como a união de forças pode ampliar o impacto das ideias e iniciativas que partilhamos, algo que o Professor Patrício certamente apoiaria com



entusiasmo.

Neste contexto, o protocolo em questão vai além de uma mera formalidade. Trata-se de um compromisso estratégico com a preservação e divulgação da obra inédita do Professor Manuel Ferreira Patrício.

Com a cedência dos proventos da venda do imóvel da AEPEC ao Centro Educativo Alice Nabeiro, no montante de 85 mil euros, estamos a garantir os recursos necessários para o estudo, a edição crítica e publicação, dos 166 cadernos manuscritos do Professor Patrício.

A Universidade de Évora, que guarda fielmente este riquíssimo acervo, indicará um doutorando que, já no presente ano letivo, dará início a esta epopeia hercúlea.

Estamos diante de um tesouro intelectual que ficará acessível ao público, permitindo que as futuras gerações possam continuar a aprender e a inspirar-se no pensamento do Professor Patrício.

Caros amigos e amigas, para concluir, permitam-me recordar que esta 3ª conferência é mais do que uma homenagem.

Esta 3ª conferência é, na realidade, um compromisso renovado com a educação, com a cultura, e com o legado do Professor Manuel Ferreira Patrício.

Continuemos a trilhar este caminho com o mesmo espírito de conciliação e de inovação que ele nos inspirou.

Que as ideias e os debates construtivos floresçam e iluminem as políticas e práticas educativas do amanhã.

E permitam-me uma palavra final à minha filha Rita Maria, que tem conduzido o pelouro da sustentabilidade e propósito, no qual o Coração Delta se insere, com intenção estratégica e dedicação.

E em segundo lugar, e não menos importante, um agradecimento muito especial à Dionísia Gomes, que organizou esta conferência, e na sua pessoa a toda a fabulosa equipa, onde se incluem:

- Maria Emília Apolinário
- José Mata Justo
- Luís Sebastião
- e ao meu antigo colega de liceu António Alves,

para quem peço, desde já, um aplauso.

Que esta 3ª conferência seja, mais uma vez, um marco na promoção de uma educação mais integrada, mais humana e mais inspiradora.

Muito obrigado!

Hermínia Vilar

Reitora da
Universidade de Évora



Começo por agradecer o convite para intervir na sessão de abertura desta III Conferência Manuel Ferreira Patrício.

Agradeço igualmente aos organizadores deste encontro todo o esforço despendido para que esta Conferência fosse uma realidade e à Associação Coração Delta, nas pessoas do Sr. João Manuel Nabeiro e da Dra Rita Nabeiro, o empenho colocado na sua realização, que vai já na sua terceira edição.

Intervir nesta sessão de abertura é uma dupla honra.

Por um lado, por anteceder um conjunto de intervenções que se preveem desafiantes e de grande qualidade. Uma que versará sobre o papel da Educação Física numa visão integrada da Educação e outra sobre a interseção da tecnologia e da criatividade e o seu papel no processo de aprendizagem.

O percurso e a relevância dos seus autores só nos podem permitir pressupor momentos importantes de reflexão e de debate.

Mas é também uma honra pelo facto destas conferências terem como referência um pensador da educação, um pedagogo que foi também Reitor da Universidade de Évora: O Professor Manuel

Ferreira Patrício.

Universidade que tenho neste momento a honra e o privilégio de servir enquanto Reitora.

Homenagear o Professor Ferreira Patrício é homenagear um percurso de vida dedicado à educação e à formação dos mais jovens. É homenagear alguém que olhou para a educação como um fim nobre da atividade humana.

Pelo que é também uma oportunidade para refletirmos, em conjunto, sobre alguns dos desafios que hoje a educação nos coloca.

Assim, o tema desta III Conferência centrado, como já acima referi em “Novos Caminhos para uma educação integrada”, impõe-se pela sua atualidade.

Talvez mais do que nunca a educação é hoje um tema de discussão, de debate, de parangonas jornalísticas (nem sempre pelas melhores razões), de reflexão (nem sempre com a calma desejada) mas sobretudo é objeto de preocupação por parte dos vários protagonistas que intervêm, direta ou indiretamente, no processo de aprendizagem.

Não duvido que todos estamos preocupados com o processo educativo, com o sucesso dos nossos jovens no processo de aprendizagem, na



forma como podem a educação e o sistema educativo enfrentar os desafios que já hoje se colocam, mas que ganharão novas proporções no futuro próximo: o desafio da inteligência artificial, a reconfiguração do papel do professor, a onipresença das redes sociais e o impacto da velocidade do fluxo de informação, a crescente disparidade de referenciais entre os que ensinam e os que aprendem, resultado, em parte, da diferença de gerações.

Preocupações às quais se juntam a desvalorização social da profissão de professor, a diversidade de situações sociais vividas nas diferentes escolas, onde à existência de situações de carência social e económica se juntam agora os desafios colocados por turmas com crianças oriundas de diferentes países.

O panorama não é simples nem existe uma resposta linear.

Mas esta ou estas respostas só podem ser construídas se assumirmos que a educação merece reflexão, definição calma de uma estratégia e exige o contributo de todos os que nela intervêm.

E digo isto enquanto reitora de uma universidade, mas, sobretudo, enquanto professora. Professora do ensino superior onde, à partida, se poderia pensar que muitos destes desafios não se colocam.

Nada mais errado.

Por um lado, porque os jovens formados por muitos dos professores que aqui estão, serão os futuros estudantes do ensino superior e como tal estamos profunda e obrigatoriamente articulados.

O custo de não termos articulado corretamente os diferentes níveis de ensino aquando da implementação da chamada Reforma de Bolonha está ainda hoje a ser pago, na medida em que as reformulações



3ª Conferência Manuel Ferreira Patrício

propostas foram encaradas, em muitos casos, como um problema que afetava apenas o ensino superior, o que não era de todo verdade.

Por outro porque, em muitos casos, os desafios pedagógicos são comuns.

Por todas estas razões momentos como este são bem-vindos.

Uma última palavra ainda para o protocolo que vai ser assinado entre a Universidade de Évora, a Associação Coração Delta e a AEPEC.

Com a assinatura deste protocolo procuramos assegurar a fixação e a divulgação da obra e do pensamento do Prof. Ferreira Patrício, pelo que, mais uma vez, me cabe agradecer o empenho de todos mas permitam-me realçar o nome do Prof. Luís Sebastião, aqui presente, e que tem sido um defensor incansável deste projeto.

Por fim desejo a todos uma ótima e profícua manhã de reflexão em torno da educação, ciente de que a educação e a formação dos nossos jovens deve ser uma preocupação que nos deve unir a todos.

III CONFERÊNCIA
**MANUEL
FERREIRA
PATRÍCIO**
Novos caminhos
para uma educação
integrada

Capítulo 3

Oradores convidados



Rui Proença Garcia

Professor Catedrático da
Universidade do Porto



Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Começamos o breve introito com este conhecido pensamento de Fernando Pessoa, a que acrescentamos o ditado popular, a que Sophia de Mello Breyner Andresen não foi indiferente, Deus escreveu direito por linhas tortas.

Talvez por razões que só Deus possa compreender, fomos convidados para intervir na “III Conferência Manuel Ferreira Patrício – Novos caminhos para uma Educação integrada” que se realizou sob os auspícios de Coração Delta, Associação de Solidariedade Social do Grupo Nabeiro, realizado no Centro de Ciência do Café, em Campo Maior¹.

Sonhámos com uma intervenção onde pudéssemos passar ao público a nossa interpretação de muitas horas de conversa com o saudoso Professor Manuel Ferreira Patrício, sem dúvida a pessoa que mais marcou a nossa carreira universitária, bem ladeado pela Professora Maria Helena da Rocha Pereira, da Universidade de Coimbra, e do Professor Adriano Moreira, voz cristalina de Portugal, a quem o Professor Patrício dizia que não era da direita nem da esquerda, mas do alto.

Sonhámos, e fizemos nascer um texto que intitulámos de “Contributo da Educação Física para a concretização do ideal de Escola como Oficina de Humanidade”.

Várias vezes ouvimos o nosso insigne homenageado a distinguir, e bem, “Oficina de Humanidade” de “Oficina da Humanidade”, enaltecendo o “de”. O Professor era muito preciso nas palavras escritas e pronunciadas.

Infelizmente, na véspera da deslocação para Campo Maior o nosso computador teve de ir para a oficina – técnica, não de humanidade – e ficámos sem acesso quer ao texto como ao PowerPoint já devidamente estruturado. Ficámos sem nada e, acima de tudo, sem tempo para de memória reescrever a intervenção.

O remédio era aproveitar alguma intervenção que tínhamos guardado num outro computador e que de alguma forma pudesse ir ao encontro daquilo que Deus queria e tínhamos sonhado. Não havia. Havia uma, mas que se afastava daquilo que o Professor Patrício entendia como sendo “de humanidade”, inscrevendo-se mais na concepção “da Humanidade”.

¹Conferência realizada no dia 5 de setembro de 2024.

Acontece que no Programa Oficial da III Conferência anunciou a nossa intervenção com o título

2. Pessoa com deficiência

A literatura especializada, e de forma consistente embora lenta aquela não especializada, já integra no seu léxico a expressão “pessoa com deficiência”, abandonando outras mais centradas na própria deficiência, tais como “deficiente”, “portador de deficiência”, “incapacitado”, ou a estranha expressão “portador de necessidades especiais”² entre outras de valor análogo. Na linguagem popular há ainda as palavras “aleijadinho”, “coitadinho”, “inválido”, “defeituoso” e outras de valor semelhante.

Sem dúvida que o avanço concetual é considerável, mas ainda se pode ir mais além, bastando para isso escrever com letra maiúscula a primeira letra da palavra Pessoa. Desta forma, enfatiza-se a condição de p(P)essoa, relegando para um plano secundário, mas existente, o conceito de deficiência. **Tem-se** uma deficiência, mas não se é deficiente. Deste modo, dá-se mais valor ao **ser** pessoa do que ao **ter** uma deficiência, ou seja, realça-se a dimensão do existir e não do viver.

Com efeito, como nos asseveram os professores Manuel Patrício e Luís Sebastião³, viver é biológico enquanto existir é um acontecimento metafísico e religioso. Um animal “simplesmente” vive e o homem, para além da sua condição de ser vivo, existe, o que é qualitativamente diferente. Acentuar a deficiência, seja ela de natureza motora, sensorial e/ou mental, é perceber o ser humano apenas enquanto entidade biológica, esquecendo-se da sua superior qualidade existencial⁴. Colocar um “P” em vez de um “p” na

palavra Pessoa não é um ato gratuito, como também não é desapropriado deixar sempre a deficiência escrita com um “d” bem pequeno. É uma postura humanista que reflete a grandiosidade e a dignidade atribuídas ao ser humano, a qualquer ser para além de singularidades diversas. Ter uma deficiência, qualquer que seja a sua natureza, deve ser vista como uma particularidade e não como o essencial de alguém.

Não é nossa intenção mascarar com um discurso romântico a situação da Pessoa com deficiência, levando ao entendimento que tudo é perfeito e normal neste contingente social. Infelizmente a realidade não é essa, até porque o mundo caminha no sentido de radicalizar a “norma” e de estigmatizar qualquer tipo de afastamento em relação à harmonia, mesmo quando se utilizam palavras ou expressões politicamente corretas que, muitas vezes, não passam de eufemismos de exclusão.

É evidente que as palavras têm um determinado campo semântico que deve ser levado em devida consideração quando as interpretamos. Nessa interpretação deve dar-se crédito à bondade de quem as pronuncia, mesmo que os sentidos últimos das mesmas se afastem decisivamente daquilo que se quer defender.

É o caso da palavra/conceito inclusão. A ideia subjacente pode ser excelente, carregada de esperança e de humanismo, mas ao analisá-la profundamente verificamos que poderemos estar perante uma encruzilhada de sentidos.

Este nosso entendimento de forma alguma desvaloriza o sentido evolutivo – e humano – deste conceito em relação aos demais, mas lutar por uma utopia,

sabendo que vai ser cumprida, é imperioso.

3. Inclusão

É humanamente defensável a ideia geradora do conceito de inclusão, pelo menos como uma evolução de paradigmas anteriores e de uma prática à vista de todos. Inclusão pode ser interpretada como um notável passo no sentido de conferir ao ser humano o seu efetivo lugar no mundo, olhando-se para a sua circunstância e desejando-se a sua permanência no seio da sociedade sem qualquer tipo de discriminação. Chamamos a atenção que a perspetiva de inclusão não se esgota na Pessoa com deficiência, adentrando em outras modalidades de se ser humano, nomeadamente a cor da pele, sexo e género, estrato social especialmente no que tange à pobreza, cultura, nacionalidade, grupos com representações sociais negativas como é o caso dos ciganos e, entre outras, a religião.

Durante muito tempo a exclusão de determinadas franjas da população era um facto indesmentível, pelo que uma certa resistência humanista tudo fez – e continua a fazer – para que tal não ocorresse – ou ocorra. Esse movimento manifestou-se em vários meios da sociedade, nomeadamente na educação, que concretizou uma ideia genérica de igualdade de oportunidades, embora nem sempre consubstanciada no ideal de justiça. A integração de Pessoas com deficiência na Escola foi uma conquista enorme, que apraz registar, assim como, mais recentemente, o conceito de inclusão que pressupõe um aprofundamento do modelo anterior. O respeito pela Pessoa patenteia-se nesta evolução concetual, o que é digno de nota.

Porém, o ato de incluir pressupõe uma entidade que

² Esta expressão continua muito presente na linguagem comum no Brasil, mesmo em meios académicos.

³ Manuel Ferreira Patrício e Luís Sebastião (2004). Conhecimento do mundo social e da vida. Passos para uma pedagogia da sagesa. Lisboa: Universidade Aberta.

⁴ Não estamos a referir a corrente filosófica do existencialismo, mas ao conceito de existir exposto.



Inclusão e Diversidade Humana

- Portugal – País de Poetas
 - Luís de Camões
 - Fernando Pessoa
 - Florbela Espanca
 - Sophia de Melo Breyner Andresen
 - Teixeira de Pascoaes
 - José Régio

assim procede. Pressupõe alguém com esse poder, como se uma sociedade pudesse ter quem quer que seja imbuído dessa determinação.

Com que direito alguém foi excluído? E quem inclui? Há alguém com o poder de incluir? E se inclui, poderá também excluir? São perguntas de difícil resposta, mas provavelmente residem nelas o cerne do problema. Tomando como nossas as palavras de Lévinas⁵ (p. 27), “um ser [ou grupo] em particular só pode tomar-se pela totalidade se lhe carecer o pensamento”.

A sociedade não é uma abstração, mas um definido número de pessoas e de instituições⁶. Uma sociedade, penetrando agora ligeiramente na matriz cultural do cristianismo, somos todos, mesmo todos, e quando alguém é excluído, então todos estão excluídos. Nesta conceção cultural, o pronome nós não é apenas o plural de eu, significando todos. Não há um eu e um outro, mas tão-somente um nós, que somos todos. Em conformidade, nós somos a sociedade ou, dito de uma outra forma, todos somos a sociedade, havendo uma fusão da ideia de nós ao sentido expresso pelo pronome todos. Na língua espanhola “nosotros” significa “nós”. Nós somos com os outros! A dignidade humana absorve a totalidade dos seres, o nós-humana, e não a simples soma de eus individuais. Na tradição cristã, no que é secundado por outros credos, somos todos um só. Quão longe estamos deste imperativo ético?⁷

Não concebemos uma sociedade constituída por uns e por outros, mas sim composta pela totalidade. Sabemos quão difícil é pensar a sociedade desta forma – para nós a única humanamente plausível

⁵ Emmanuel Lévinas (2001). *Entre nosotros. Ensayos para pensar en outro*. Valencia: Pre-Textos.

⁶ Embora interessante, não cabe neste curto ensaio aprofundar o conceito de sociedade, ficando-se na sua superficialidade. Lembramos que com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação o conceito de sociedade alterou-se substancialmente em relação, por exemplo, à sociedade dos tempos dos pais da Sociologia.

⁷ É interessante referir que o Comendador Rui Nabeiro afirmou que “[n]ão sou eu, somos nós”. In Revista DDD, nºII (abr/jun 2023), p. 19.

– porque desde a mais tenra idade somos educados na acentuação da diferença e não na compreensão da diversidade. Esta visão, admitimos que idílica neste nosso tempo, não é de agora, encontrando em Comenius⁸ um acérrimo defensor que a imortalizou na sua *Didática Magna*⁹. Com efeito, no que se refere à educação, Comenius coloca na ótica do seu pensamento quatro palavras-chaves que decorrem do essencial do livro: todos, tudo, todas e sempre, decodificando-as. Quem na educação? Todos. Para aprender o quê? Tudo. De que forma? Todas. Quando? Sempre.

Façamos um pequeno esforço e apliquemos estas perguntas a outras situações do quotidiano, nomeadamente na sociedade e no desporto. Quem na sociedade? Todos. Quem no desporto? Todos.

Nesta perspetiva torna-se desnecessário o conceito de inclusão porque todas as pessoas são sujeitos da sociedade ou, neste caso, da educação. Todos, na visão de Comenius, significa a totalidade de seres humanos, que não são categorizados por contingentes particulares. Todos são mesmo todos. Para quê depois querer anunciar a inclusão de alguns? Concretizemos este ideal, que tem mais de 360 anos, para que assim se torne supérflua qualquer outra visão. Temos noção que ainda falta trilhar uma longa jornada, mas a cada pequeno passo dado mais perto ficamos da concretização deste ideal utópico. O conceito determinante para se compreender esta diretriz marcadamente humanista é a diversidade.

A diversidade humana patenteia-se através de

múltiplas formas, não deixando cada um de ser humano, radicalmente humano.

Aprofundemos, qual parêntesis, o conceito de diversidade, que também nos será útil para nos guiar pelo labirinto dos Jogos Paralímpicos¹⁰.

4. Diversidade

O nosso vocabulário é pródigo em palavras aparentemente próximas umas das outras no que tange ao seu significado, mas quando observadas com relativa profundidade verificamos que entre si se afastam de modo irremediável.

Igualdade e justiça, como já aludimos, podem não significar exatamente o mesmo. Diferente e distinto também não podem ser vistas como palavras sinónimas, pelo menos no que tange ao ser humano. Talvez o senso comum as entenda como sinónimas, mas uma análise mais esclarecida não as percebe enquanto tal.

É habitual ouvir-se falar de igualdade quando se quer referir à diversidade (todos iguais, todos diferentes), vendo igualdade e/ou diferença onde há lugar à diversidade, neste caso à diversidade humana.

Sem entrarmos em considerações de ordem biológica ou evolutiva¹¹, queremos salientar que o ser humano é um ser “uno e diverso, uniforme e multiforme, convergente e divergente”¹² (p. 76), sendo a cultura a grande fonte de onde brota a diversidade. Boaventura Sousa Santos, numa feliz expressão, afirma que a cultura é a luta contra a



uniformidade¹³. Reconhecemos a impressionante uniformidade biológica nos cerca de oito mil milhões de pessoas que habitam o planeta, muitas delas em situações ambientais opostas relativamente a outras. Viver junto dos Polos não é o mesmo que viver nas zonas tropicais ou no Equador. Viver junto ao mar é diferente de viver em altitude. Com efeito o homem inaugurou uma nova era na história do planeta, uma era marcada por elementos que antes da sua chegada não existiam, por aquilo que realmente está para além do puro dado. Mas se a ideia de

⁸ Jan Amos Comenius. *Didática magna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Edição de 1996).

⁹ Este livro de Comenius pretende ser, como está anunciado logo na capa, um “tratado da arte universal de ensinar tudo a todos”.

¹⁰ Aquando da exposição pública deste tema estavam a decorrer os Jogos Paralímpicos, Paris 2024.

¹¹ A nossa posição sobre este assunto está plasmada em Rui Prouença Garcia (2016). *Educação multicultural: uma exigência ética*. In José D. L. Pereira, Marcelino S. Lopes e Maria L. Cabral (coordenadores), *Animação multicultural. Globalização, multiculturalismo, educação intercultural e intervenção comunitária*. Lisboa: Intervenção, pp. 135–143.

¹² Manuel Ferreira Patrício (2002). *A Escola Cultural. Uma resposta à tensão globalização – diversidade*. In Manuel Ferreira Patrício (org.), *Globalização e diversidade. A Escola Cultural como uma resposta*. Porto: Porto Editora, p. 73–85.

¹³ Boaventura Sousa Santos (2001). *Os processos da globalização*. In Boaventura Sousa Santos (org.), *Globalização. Fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento, pp. 31–106.

cultura enquanto acréscimo à natureza¹⁴, e ao ser, como lembrava o Professor Patrício, é singular, a sua expressão é múltipla, encontrando-se nesta pluralidade uma característica humana: a **multiplicidade cultural na uniformidade biológica**.

A aceitação da diversidade é – devia ser – um imperativo ético, mas ao mesmo tempo parece constituir-se na mais tremenda utopia contemporânea por concretizar, tal é a extensão das práticas pouco condizentes com a perspetiva aqui exposta. Mas, como utopia que é, torna-se imperiosa a sua realização efetiva.

É longa a história da aceitação do(s) outro(s), mas também é longa a história da sua eliminação ou subjugação. Os gregos do século IV a.C. eram só 15% da população. As restantes pessoas eram desconsideradas. É conhecido o debate na Junta de Valladolid, ocorrido em 1550¹⁵, sobre se os índios americanos eram ou não seres inferiores. Essa dúvida, triste dúvida, manteve-se para os africanos até muito mais tarde. Note-se que em Portugal, país que há centenas de anos estabeleceu uma forte convivência com povos de tantas latitudes, “só em 1962 [6 de setembro] é que todos os portugueses passaram a ser iguais perante a lei política [revogação do Estatuto dos Indígenas]. Este acto implicou a publicação de um Código do Trabalho Rural, em 27 de Abril de 1962, que tratava todos os trabalhadores por igual sem distinção de etnia”¹⁶ (p. 246). Segundo Comparato¹⁷, Montesquieu, que viveu no século XVIII, foi dos poucos pensadores do seu tempo a

questionar publicamente a escravidão de africanos que então grassava.

O conceito de diversidade não é exatamente o mesmo que diferença. Contudo, por vezes clama-se pela diferença, esquecendo-se da diversidade. E em nome da diferença reclamam-se direitos diferentes, onde se inclui o direito à desumanidade. Como nos adverte o filósofo francês Luc Ferry¹⁸, do direito à diferença à diferença dos direitos vai apenas um pequeno passo. Mais ainda, em nome de um grupo os valores humanos são colocados a um nível inferior. Primeiro o grupo e só depois o ser humano. É uma posição intolerável, provavelmente uma consequência do niilismo, de um mundo sem fronteiras de qualquer natureza, da ausência de um sentido superior que trace o caminho a seguir pelo homem. Todos os grupos falam “com voz própria na defesa dos seus interesses, das suas perceções, dos seus projetos de poder, das suas utopias”¹⁹ (p. 160), parecendo não existir um projeto global, uma sinfonia universal como apontavam os estoicos. Parece ser impossível a ampla aceitação do outro neste tempo marcado pelo eu, mesmo que este pronome diga respeito a um determinado grupo. Infelizmente o quotidiano está aí para nos dar alguma razão.

5. Manifestações de diversidade

A diversidade manifesta-se em múltiplas situações, mostrando que ela própria é diversa. Seguindo de perto o pensamento de Manuel Ferreira Patrício²⁰ (adaptado, pp. 77-80), podemos situar a diversidade nos seguintes domínios:

a. Cosmodiversidade: o cosmos não é uma entidade formada por um só elemento, mas por uma enorme variedade que unida forma o Universo.

b. Biodiversidade: a sua defesa é hoje uma constante, seja de um animal de grande porte ou de uma minúscula planta. A biodiversidade é decisiva para o equilíbrio geral da vida no Planeta, e por tal também do ser humano.

c. Psicodiversidade: no mundo do psíquico a diversidade está presente, como qualquer pessoa facilmente compreende vendo-se e vendo os outros, ou vendo-se em situações variadas.

d. Sociodiversidade: a História mostra-nos que não há duas sociedades iguais mesmo quando se trata do mesmo território geográfico. Podemos afirmar que Portugal do século XIX não é o mesmo daquele do século XX, nem deste do início do século XXI. O território é o mesmo, a matriz cultural é a mesma, mas a sociedade vai mudando de forma mais ou menos visível.

e. Antropodiversidade: a diversidade cultural é provavelmente a maior riqueza do ser humano. Não se pode ser militante da biodiversidade e depois ficar em silêncio perante a destruição de culturas antiquíssimas. Sem querer adentrar nesse assunto, podemos ver na globalização o maior perigo para esta expressão de diversidade.

f. Pneumodiversidade: no mundo espiritual, a que se refere esta palavra, persiste a diversidade, bastando para se perceber olhar para a multiplicidade

¹⁴ Ver Alfred Kröber (1993). *A natureza da cultura*. Lisboa: Edições 70.

¹⁵ Nestes debates contrapuseram-se a tese de Juan Ginés de Sepúlveda, para quem os índios eram seres inferiores, e a de Bartolomeu de Las Casas, que defendia a posição que os índios eram iguais aos espanhóis, pelo que deveriam ser tratados com humanidade.

¹⁶ Adriano Moreira (2009). *A circunstância do Estado exiguo*. Loures: Diário de Bordo. Foi este autor, que na altura era Ministro do Ultramar, tentou com a lei referida ultrapassar o racismo que então grassava em Portugal.

¹⁷ Fábio Comparato (2006). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras.

¹⁸ Luc Ferry (1999). A escola da República e os direitos do homem. In Jean-Pierre Changeau (direcção), *Uma mesma ética para todos?* Lisboa: Instituto Piaget, pp. 185 – 195.

¹⁹ Adriano Moreira (2009). Op. Cit.

²⁰ Manuel Ferreira Patrício (2002). Op. Cit.

de crenças religiosas, mas não só.

g. Teodiversidade: Quantos Deuses existirão ou existiram? No Cristianismo, monoteísta, Deus é uma expressão da própria diversidade, sendo ao mesmo tempo uno e trino: um só Deus, três Pessoas Divinas.

Porém, as expressões mais evidentes da diversidade humana que aqui queremos desenvolver situam-se no campo cultural, naquilo que denominámos de antropodiversidade. Podemos, apenas por conveniência discursiva, acrescentar a diversidade das línguas existentes, conquanto uma língua se liga intimamente à cultura.

É neste campo cultural, e não em qualquer outro que é possível perceber a multiplicidade humana, não querendo ficar prisioneiros de falsas diferenças, nomeadamente a “raça” – invariavelmente ligada à cor da pele –, a etnia – por vezes um eufemismo de “raça” – e outras diferenças similares.

Como é sabido, em pleno século XX – infelizmente ainda não totalmente debelado – assistimos à emergência de algumas alegadas raças que subjugaram pessoas por não pertencerem às suas. O arianismo, que é uma unidade linguística²¹, foi visto como unidade biológica, e viam os judeus, que é uma unidade religiosa, enquanto pessoas pertencentes a uma outra unidade biológica. Arianos e judeus são pessoas que expressam culturas diversas e não quaisquer expressões de raças humanas. Não há lugar à diferença entre estes povos. O mesmo se pode afirmar em relação ao “branco”, “negro”, “amarelo” e ao “pele-vermelha”. Não se é diferente por causa de uma coloração que evidencia uma adaptação ambiental. Somos distintos, nem iguais nem diferentes. Infelizmente, ao longo dos



séculos, fomos educados no sentido de estabelecer diferenças e não de perceber a magnificência do ser humano, de qualquer ser humano. A pretensa superioridade da raça branca – já esta ideia de cor

é totalmente descabida – ou de um seu grupo mais restrito, justificou um sem-número de conflitos, inclusive a Segunda Guerra Mundial, sendo dela, da dita raça – neste caso a ariana –, a ideia dicotómica do

²¹ Para Harari os povos primordiais que falavam sânscrito eram o Arya e o Airiia. Assim, para os filólogos, o falante desta língua deveria chamar-se ariano. Só muito mais tarde é que se quis transformar o ariano numa raça, melhor dizendo, numa pseudo-raça. Yuval Harari (2015). *Sapiens. De animal a Deuses. História breve da humanidade*. Amadora: Vogais.

homem civilizado e do bárbaro ou do selvagem. A própria Carta da ONU, documento basilar da ordem mundial, foi redigida apenas por representantes dos países ocidentais, plasmando valores do ocidente que nem sempre podem ser compreendidos e aceites por povos de outras latitudes geopolíticas.

É por este diapasão que queremos observar a Pessoa com deficiência, e de qualquer outro eventual contingente social, isto é, como exemplo da diversidade humana.

6. Jogos Paralímpicos

Os Jogos Olímpicos constituem-se numa das maiores manifestações da contemporaneidade, possibilitando a emergência de autênticos deuses da atualidade por via dos seus desempenhos desportivos. Ninguém fica indiferente ao que se passa no complexo olímpico, cujas raízes têm pelo menos cerca de 2800 anos.

Sem qualquer radicalismo de nossa parte podemos afirmar que há uma cultura olímpica que se revela a todo o instante, cujo campo semântico ultrapassa o mundo desportivo. O olimpismo instaurou uma ética que repousa numa tradição antiquíssima proveniente da denominada Antiga Grécia. Participar nos Jogos Olímpicos como atleta, treinador, dirigente, público ou em qualquer outra condição é uma honra que não deixa ninguém indiferente.

Durante muito tempo – olhe-se para os Jogos primordiais – a competição olímpica era uma manifestação apenas para homens e mesmo assim fortemente limitada fruto de uma conceção de sociedade que agora se repudia. Só muito recentemente é que as mulheres puderam assumir-se como olímpicas com as mesmas possibilidades competitivas que os

homens. Homens e mulheres são duas possibilidades da diversidade humana, participando nos Jogos de igual forma, atendendo-se apenas a essa condição diversa. Não há uns Jogos para a condição masculina nem outros para a condição feminina. Não! Há Jogos que atendem à diversidade.

Por esta ótica o desporto adapta-se a quem o pratica. É por isso que as redes de Voleibol das competições masculina e feminina possuem alturas diferentes, ou os pesos dos engenhos para as provas atléticas de lançamento são também diferentes consoante o sexo e as idades dos praticantes, não devendo a expressão “desporto adaptado” ser sinónimo de “desporto para Pessoas com deficiência”. Essa adaptação vai ao encontro da diversidade dos seus praticantes.

Nos Jogos Olímpicos são consideradas ainda outras manifestações de diversidade humana, nomeadamente o peso corporal em modalidades como o Pugilismo, Halterofilismo, Judo e Remo. Tenha-se 50 ou 120 quilogramas há nos Jogos atividades destinadas a todas essas pessoas, não existindo uns Jogos para “magros” e outros para “gordos”, como já não há – já houve – Jogos para homens e outros para as mulheres. O sexo e/ou peso corporal patenteiam a diversidade humana e não a diferença. Não se diz que se é diferente por se pesar 50 ou 120 quilogramas. A performance desportiva evidenciada por homens, mulheres, pessoas com peso mais leve ou mais pesado é equivalente. Todos conseguem resultados excecionais!

Também é notável a excelência patenteada nos Jogos Paralímpicos pelos seus participantes. Aliás, nem poderia ser de outra forma. Nos Jogos estão os melhores do mundo nas suas modalidades, atletas

que treinam ao mais elevado nível, buscando a excelência humana, ou seja, aquilo que o ser humano consegue alcançar.

As proezas atléticas não são em nada inferiores àquelas atingidas nos Jogos Olímpicos, mas a sua celebração e reconhecimento são em tudo inferiores.

Os Jogos Olímpicos não acolhem as Pessoas com deficiência. Tal como no passado havia Jogos para homens e outros para mulheres, agora há os Jogos Olímpicos para uns, e outros para as Pessoas com deficiência, que assim são arredadas da maior competição desportiva mundial, não podendo celebrar os seus feitos na comunidade olímpica.

Ter peso diferente é visto como uma diversidade e por tal considerada nas competições olímpicas. Ter uma deficiência é visto como ser alguém diferente, e por tal remetido para outros Jogos!

Intencionalmente realçamos a palavra “ter” para salientar que estamos no campo físico (ter mais peso, não ter um membro ou, por exemplo, não ter visão) e não no plano da existência humana, que seria indicada através da palavra “ser”.

Defendemos uma outra conceção de Jogos Olímpicos, uns Jogos que acolham mais e mais a diversidade humana, onde haja, como há, uma prova de 100 metros para homens e outra para mulheres, e depois, naturalmente, uma para cegos, outra para cegas, outra ainda para amputados e mais uma para amputadas. Defendemos que cada prova, dentro de uma determinada razoabilidade, atribua um certo número de títulos olímpicos, respeitando os modelos pessoais existentes, não havendo Jogos separados para pessoas que buscam o máximo da excelência humana²².

²² Nos Jogos Olímpicos da Juventude procura-se a excelência numa dada idade e não o expoente máximo do ser humano, pelo que faz sentido a sua permanência autónoma. O campeão olímpico ou paralímpico assume-se como aquele que se aproxima do

Compreendemos o problema logístico inerente a esta proposta, mas já houve desafios análogos em tempos passados. Se bem que foi em 1924, Paris, que apareceu a Aldeia Olímpica, só em 1932, Los Angeles, é que esta foi totalmente equipada para possibilitar o conforto necessário aos atletas. Porém, por “problemas” logísticos as atletas ficaram hospedadas num hotel. Com o tempo esse “problema” foi ultrapassado, e hoje não se concebe uma separação entre homens e mulheres no que concerne ao alojamento olímpico.

Outra dificuldade que pode ser pressentida na proposta apresentada diz respeito à duração necessária para a realização dos Jogos. Não cremos que esta objeção seja real quando analisamos o calendário olímpico, pelo menos em muitas modalidades desportivas. Em regra, as modalidades concentram-se num determinado período dos Jogos (ver, por exemplo, Atletismo e Natação), não se estendendo à totalidade do tempo olímpico. Havia tempo e espaços desportivos disponíveis para se alargar a competição.

Mesmo que a logística seja um fator a levar em devida conta, e é, o humanismo inerente à proposta aqui idealizada deverá sobrepor-se e ser a preocupação central do Movimento Olímpico contemporâneo. Entendemos que os aspetos logísticos têm de estar ao serviço do ser humano e não este a ficar subordinados a eles. Esta afirmação baseia-se no princípio enunciado pelo Concílio do Vaticano II, traduzido na posição que as instituições têm de estar ao serviço do Homem e não o Homem ao serviço das instituições.

Apenas como mero exercício comparativo, podemos analisar a história da mulher nos Jogos, mesmo da

antiguidade. É nossa percepção que a sua ascensão no areópago olímpico acompanha a sua crescente afirmação no seio da sociedade. O desporto encerra em si as contradições existentes na sociedade, sendo um seu microcosmo, pelo que evidencia mesmo tensões civilizacionais. A prática desportiva pela mulher é um exemplo onde a exceção passou a regra, sendo “tão” olímpica como a masculina. Queremos poder um dia dizer exatamente o mesmo em relação ao olimpismo para Pessoas com deficiência! Provavelmente o caminho é muito longo, para mais numa sociedade que parece que ainda não consegue ver a Pessoa com deficiência como alguém pertencente à categoria nós, ou seja, a todos, utilizando expedientes, embora repletos de uma extrema generosidade que nos animam, que ainda não conseguem atingir o principal objetivo. A Pessoa com deficiência ainda é vista como o outro.

Quando tal acontecer, então não haverá mais lugar à inclusão. Todos, finalmente, seremos sociedade, seja na Escola, seja no Movimento Olímpico!

7. A questão da educação²³

Vai longe o tempo da trilogia aplicada aos países: um território, uma língua, uma moeda. Talvez tenha existido ainda uma quarta dimensão, a “raça”, mas sobre esta possibilidade preferimos não tecer comentários. Nesse tempo estável e fechado, a educação conduzia os jovens para a estabilidade, fechando-lhe muitas vezes qualquer possibilidade de abertura para o mundo.

Naquele tempo era fácil identificar um português, já

considerando a diáspora lusitana. Havia a percepção de uma unidade, mesmo que não fosse totalmente evidente. A Escola, enquanto contributo do Estado para a educação de um jovem, orientava-se por uma perspectiva única, cumprindo o livro único um importante papel regulador da cultura, declamando-se uma unidade territorial que ia do Minho a Timor²⁴.

Entretanto o mundo alterou-se completamente. Os países parecem ser entidades desterritorializados, sem história, sem símbolos unificadores, onde muitas vezes aparentemente só as coisas do futebol servem para evidenciar uma unidade nas várias pluralidades da vida.

A velocidade da troca de informações é tremenda. O espaço físico, outrora um obstáculo, é agora transposto em milésimos de segundo, inaugurando um tempo sem tempo para a comunicação. A Escola não está só na tarefa de fazer chegar o conhecimento às pessoas. As redes sociais fazem-no instantaneamente, embora de forma pouco disciplinada.

A memória, exceto a dos computadores, dá lugar à ideia de futuro. Vive-se no presente tendo em vista o futuro. O passado, a história ou a memória não são dimensões temporais relevantes. Inaugura-se um tempo novo onde há o claro esbatimento de fronteiras físicas, talvez até de fronteiras antropológicas.

Mas não é só a comunicação que chega a todo o lado a todo o momento. As sociedades, tendencialmente unitárias religiosas e culturalmente, também se abrem ao corrupção das pessoas, naquilo que, entre outros, o Cardeal Angelo Scola e o Professor João

limite humano dentro da sua condição particular (homem/ mulher, peso corporal, “normal” / Pessoa com deficiência).

²³ Este ponto não foi abordado na intervenção que fizemos na III Conferência, fazendo parte do texto elaborado na perspectiva da “Oficina de Humanidade”.

²⁴ Curiosamente, aquando do Campeonato Europeu de Futebol de 2016 disputado em França, as manifestações de júbilo pelo título alcançado por Portugal estenderam-se literalmente do Minho a Timor. Culturas tão diversas e geograficamente situadas nos antípodas, festejaram em conjunto um êxito desportivo de Portugal. O conceito de nação lusitana sobreps-se ao conceito de país.

Maria André denominaram de mestiçagem das civilizações²⁵²⁶.

Os tempos passaram e agora podemos ser muçulmanos num país católico, português em qualquer parte do Mundo, entre inúmeras outras possibilidades. A ideia é cativante, mas sem dúvida que se trata de um enorme desafio axiológico. Que valores deve a Escola transmitir? Uma Escola sem valores não é digna do processo educativo. Uma educação sem valores não concretiza a máxima do Padre Manuel Antunes, para quem “a educação ou é total ou simplesmente não é”.²⁷ A Escola não pode ser axiologicamente neutra. Em Portugal a Escola é portuguesa!²⁸ Tem a educação ou é total ou simplesmente não é de educar em valores!

Sabemos que hoje impera a “lei” do politicamente correto, mesmo que tal se assuma como incorreto, forçando muitas vezes o esquecimento da matriz de uma dada civilização²⁹.

A pessoa habita um lugar. Um lugar não é apenas um espaço físico³⁰, mas, também, um território cultural. À diversidade de lugares corresponde uma multiplicidade de culturas. Porém, essa pertença a um lugar físico não é mais forte do que a pertença a um lugar cultural. Podemos habitar fisicamente um país, uma região, uma cidade ou uma aldeia e pertencer, de facto, a um lugar cultural muito distante. Posso ser português em Newark como alguém pode ser sírio em qualquer aldeia do interior de Portugal.

A pessoa habita um lugar. Um lugar não é apenas

um espaço físico, mas, também, um território cultural. À diversidade de lugares corresponde uma multiplicidade de culturas. Porém, essa pertença a um lugar físico não é mais forte do que a pertença a um lugar cultural. Podemos habitar fisicamente um país, uma região, uma cidade ou uma aldeia e pertencer, de facto, a um lugar cultural muito distante. Posso ser português em Newark como alguém pode ser sírio em qualquer aldeia do interior de Portugal.

Os traços da personalidade, embora enraizados na profundidade do lugar físico, constroem-se em grande parte no cadinho ou ambiente cultural por onde a vida decorre, pelo que a educação não se deve fundamentar em exclusivo pelo lugar físico, mas também pela diversidade cultural das suas gentes. A diversidade cultural – não confundir com relativismo axiológico – também se coloca ou celebra-se na unidade territorial de um país, mesmo com as dimensões do nosso.

A educação através de uma visão cultural, permite que se veja o mundo através de uma determinada janela, ou seja, que se tenha uma cosmovisão específica. Estamos certos de que, na linha de Fernando Pessoa, é a partir da minha aldeia que avisto o mundo³¹. O mundo não se configura como uma entidade abstrata, fixa, imutável, mas antes numa entidade que se manifesta de acordo com uma multiplicidade de visões. Já Eça de Queirós, em A cidade e as serras, com o seu Jacinto, mostra a diversidade sobre a forma de se ver o mundo.

O multiculturalismo não é apenas uma questão de territórios mais ou menos longínquos, de línguas estranhas ou de religiões que em tempos se digladiaram. Não! O multiculturalismo persiste em cada território, em cada cidade, em cada família, em cada casa. A cultura de um jovem não é de todo um decalque da cultura de seus pais. Por vezes encontramos uma maior estabilidade cultural entre jovens que habitam latitudes bem distantes do que entre pessoas familiares de gerações diversas.

Educação multicultural deve convocar o maior bem da humanidade, a diversidade cultural.

A função da Escola, naquilo que Delfim Santos batizou de imundar³², é dar um mundo à criança, ao jovem, ao ser humano na plenitude do seu ser.³³ A antropodiversidade é uma questão ética. Os outros que cá estão, enriquecem e aprofundam a nossa diversidade humana, que é uma diversidade cultural. As culturas desenvolvem-se neste meio riquíssimo de permanente diálogo entre pessoas diversas. Não nos esqueçamos, por exemplo, que devemos aos árabes a memória da cultura grega que em grande parte se perdeu na Europa medieval. Foi nesse diálogo com povos com outras mundividências que resgatámos um dos mais importantes patrimónios culturais da antiguidade. Ter medo deste diálogo é ter medo de se ser verdadeiramente humano.

Vai longa a discussão sobre a presença de símbolos religiosos nas escolas, como é o caso dos crucifixos

²⁵ Cardeal Angelo Scola (2009). Prólogo. In Javier Prades e Manuel Oriol (eds.), *Los retos del multiculturalismo*. Madrid: Ediciones Encuentro, pp. 15-15.

²⁶ João Maria André (2005). Os desafios da mestiçagem. In Alexandre Manuel e Anselmo Borges (dir.), *Desafios à Igreja de Bento XVI*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, pp. 77-90.

²⁷ Padre Manuel Antunes (1973). *Educação e sociedade*. Lisboa: Sampedro, p. 38.

²⁸ O documento orientador da educação no Brasil denomina-se *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (realce nosso).

²⁹ Por exemplo, a Constituição Europeia, que acabou por não ver a luz do dia, no seu Preâmbulo omitta por completo a matriz cristã do nosso continente.

³⁰ Embora ainda sem o conseguir, buscamos uma fundamentação para uma antropologia telúrica, ligada ao binómio lugar físico e lugar cultural. Acreditamos – por enquanto é apenas uma crença – que, na linha de Vitorino Nemésio, o magma é também responsável por aquilo que somos.

³¹ Referimo-nos ao poema “O rio da minha aldeia”, de Alberto Caeiro. In “O guardador de rebanhos - Poema XX”. Antologia da poesia portuguesa (séc. XII – séc. XX). Vol. II (Sécs. XVII-XX). Porto: Lello & Irmão Editores, pp. 1535-1536. Edição de 1977

³² Delfim Santos (1973). *Obras completas* (vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 533.

³³ É evidente que se dá um mundo à criança, que também o vai transformar. Este “dar” tem um duplo sentido.

nas paredes das salas ou de cruzes ao peito, dos véus islâmicos, do *Kippà* judeu, ou de qualquer outro sinal religioso³⁴, defendendo alguns que quem quer portar esses símbolos deverá ingressar em Escolas confessionais. Nesta medida, não há diálogo, havendo apenas ghettos. Serão estes símbolos ofensas culturais? Não será possível conviver com esta diversidade?

Obviamente que nem tudo pode valer na Escola. A Dignidade da Pessoa Humana terá de estar por cima de toda a nossa reflexão e/ou prática quotidiana. Há que ter a coragem e o bom senso de definir limites comportamentais, de estabelecer o legítimo e o injustificado. A Escola deverá ser o local para a compreensão desta antinomia. Porém, esbarramos numa dificuldade axiológica, que é a ausência de valores universais³⁵. Nem a vida é hoje percebida enquanto valor primeiro e universal. O referido diálogo cultural, necessário, enfrenta dificuldades imensas pela inexistência de verdadeiros valores globais. A História mostra-nos as dificuldades no entendimento de culturas marcadas pela diversidade. O respeito pelo outro, matriz essencial da alteridade, nem sempre é uma tendência histórica.

O relativismo axiológico³⁶ é um imenso perigo que espregueia em todas as esquinas da existência humana. Perante a ausência de valores fortes, tudo vale para a afirmação de um qualquer grupo. Tudo encontra legitimação relativa. Só é necessária alguma imaginação.

O ser humano pouco conta³⁷.

A dificuldade do diálogo e da tolerância multicultural acentua-se quando adicionamos aos valores – que existem ou não – os ordenamentos jurídicos nacionais. Ora, estes ordenamentos são também fruto da visão de mundo, e acima de tudo do ser humano, que se tem, o que provoca profundos contrastes entre pessoas provenientes de tradições diversas. Podemos apresentar um exemplo deveras preocupante para ilustrar o nosso pensamento: devemos aceitar a excisão genital feminina no nosso país apenas porque essas pessoas vêm de um ambiente cultural onde tal prática é legalmente permitida?

Provavelmente a sociedade terá de plasmar princípios básicos – uma ética dos mínimos – como forma de regulação interna. Depois caberá à Escola desenvolver um esforço para converter esse mínimo numa ética de máximos. Como nos adianta Rui Nunes, embora sobre uma problemática bastante afastada desta, do campo da bioética, “a existência de visões irreconciliáveis sobre o bem individual e o bem comum entre os diversos membros da sociedade, implica que se gere o consenso possível que permita a convivência pacífica e o pluralismo pós-moderno”³⁸. Talvez desta forma se possa concretizar a Educação Multicultural e perspectivá-la como uma exigência ética.

Faz todo o sentido o imperativo educativo do

Papa Francisco, que poderia servir de mote para uma visão multicultural de educação: educar para a solidariedade, “palavra tão incômoda, e muitas vezes desprezada”.³⁹ Educar para a solidariedade, sem barreiras, é, no fim de contas, e ainda na perspetiva do Papa Francisco, “educar para a humanidade”⁴⁰, a que ousamos acrescentar “em humanidade”, em respeito pela sua diversidade cultural.

Terminamos esta reflexão com algumas perguntas retóricas. A educação não é exclusiva da instituição escolar. A família é outra entidade educacional. Porém, nota-se neste nosso tempo a diluição do conceito tradicional de família e ainda a não existência de uma alternativa satisfatória. O que resta na educação? A Escola. Mas, estarão os professores e outros agentes preparados para substituírem a família no processo educacional? Terão essa função e vocação? Não sabemos responder! Contudo, estes eventuais problemas encerram um outro de apreciável dimensão: como preconizar uma educação multicultural e deixá-la apenas na mão de uma entidade, a Escola formal? Não será isso uma tremenda contradição?

Conclusões

Embora o propósito deste breve texto não seja extrair conclusões, é possível salientar alguns aspetos que entendemos ser decisivos nesta explanação sobre a Pessoa com deficiência.

³⁴ Sobre este assunto, sempre delicado, ver em <http://www.dn.pt/portugal/entrevista/interior/vera-jardimcrucifixos-nao-deviam-estar-nas-escolas-devem-ser-retirados-5372540.html> a posição de Vera Jardim, antigo Ministro da Justiça (consultado no dia 5.09.2016).

³⁵ Não custa aceitar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos plasma uma visão individualista, talvez mesmo hedonista, da vida humana, desligando o homem de uma visão mais ampla de sociedade. Provavelmente faltará a esta Declaração um diálogo multicultural.

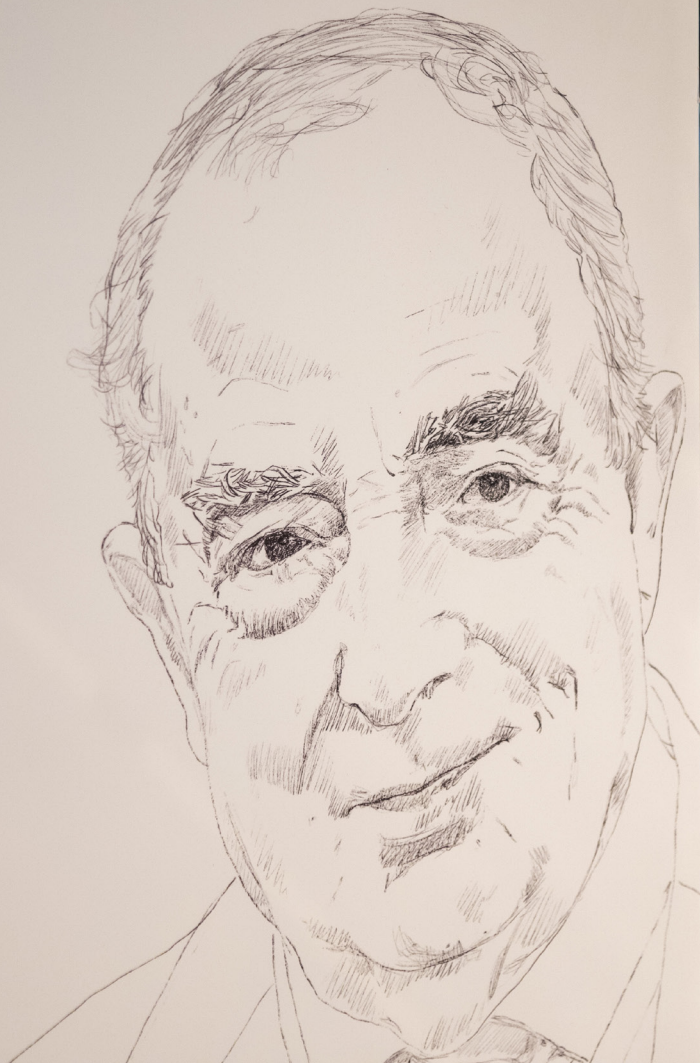
³⁶ O então Cardeal Ratzinger, minutos antes do início do Conclave que o conduziu à Cadeira de Pedro, aludiu à ditadura do relativismo [axiológico], o que pode levar a uma nova intolerância como infelizmente está a ocorrer um pouco por toda a parte. Essa ditadura nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio e as suas vontades. O primado do individual é uma marca indelével deste tempo. A este respeito, consultar Bento XVI (2010). Luz do Mundo. Cascais: Lucerna, Principia Editora, p. 58.

³⁷ Sem querer politizar ou partidizar este documento, foi com mágoa que lemos que o antigo dirigente do PCTP/ MRPP, Arnaldo Matos, achou legítimo o atentado perpetrado em Nice, de que resultaram mais de 80 mortos que assistiam ao fogo de artifício evocativo da Tomada da Bastilha, a 14 de julho. In http://online.sapo.pt/artigo/517039/pctp-mrpp-arnaldo-matos-diz-que-acontecimentos-em-nice-sao-um-ato-legitimo-de-guerra-seccao-Portugal_i (consultado a 20.07.2016).

³⁸ In Ana Luísa F. Q. de Castro (2009). O médico e as suas crenças. Crenças e práticas religiosas no âmbito da Medicina. In Rui Nunes, Guilhermina Rego e Ivone Duarte (coordenadores), *Eutanásia e outras questões éticas no fim da vida*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, p. 151.

³⁹ Papa Francisco (2016). “A degradação da Casa Comum”. In *Proteger a Criação*. Amadora: Nascente, pp. 33-49.

⁴⁰ Ibidem, p. 57.



O ser humano rege-se por uma extraordinária diversidade, o que o torna ímpar na globalidade da vida. Não se trata de um capricho discursivo, mas de uma realidade concreta cada vez mais percebida e incorporada no ideário comum. É baseado neste princípio que defendemos o conceito comeniano de **Todos**, seja na educação, na sociedade ou, no nosso caso, nos Jogos Olímpicos, pelo que teremos de ver uma determinada deficiência como mais uma possibilidade da diversidade humana.

Embora reconheçamos que a intenção do conceito de inclusão e o surgimento dos Jogos Paralímpicos sejam nobres, neles ainda reside a semente da diferença e não da diversidade, pelo que urge continuar a pugnar por uma sociedade efetivamente marcada pela dignidade, onde todos, mas mesmo todos sejam humanos sem mais adjetivos diferenciadores. Quando assim for, não mais fará sentido falar em inclusão ou separar as Pessoas com deficiência dos Jogos Olímpicos.



Pedro Santa Clara

Fundador da Escola de Programação 42 - Lisboa e Porto



O coração da mudança: Uma melhor educação para o futuro

A educação é o mais poderoso motor de transformação de uma sociedade — e Portugal tem vivido, nas últimas décadas, um percurso notável. No início dos anos 80, apenas 6,4% da população com mais de 15 anos tinha completado o ensino secundário. A média de escolaridade era de apenas cinco anos. Em 2022, quase metade dos jovens entre os 25 e os 34 anos possuía já um diploma universitário. Esta evolução quantitativa é motivo de orgulho — mas não pode esconder

a urgência de uma mudança qualitativa mais profunda.

Por muito que os números melhorem, a estrutura da escola manteve-se, em grande medida, inalterada. O modelo atual tem raízes profundas no fim do século XVII, nas escolas Jesuítas e na Prússia de Frederico o Grande. Foi pensado para a revolução industrial, com aulas, trabalhos e exames organizados como numa linha de montagem. Uma lógica funcional, mas profundamente desajustada às necessidades do século XXI.

A ciência da educação confirma essa inadequação. Os métodos tradicionais levam a uma retenção de conhecimento inferior a 10%. Não aprendemos todos da mesma forma, nem ao mesmo tempo, nem com os mesmos estímulos. E, no entanto, continuamos a organizar as nossas escolas assim. O resultado é um sistema caro, pouco eficaz, elitista e, muitas vezes, desmotivador. As taxas de abandono são elevadas — ainda que muitas vezes disfarçadas no ensino profissional. Os resultados dos testes internacionais têm vindo a piorar. E a ligação entre o que se ensina e o que o mundo real exige é cada vez mais frágil.

Este desajuste tem consequências concretas. Entre 2000 e 2021, a produtividade em Portugal cresceu apenas 7%, o PIB 10%, e os salários reais aumentaram cerca de 1% por ano — que se reflete na alta taxa de desemprego jovem e nos salários muito baixos no início da carreira. O “mismatch” entre as competências ensinadas e as procuradas pelo mercado explica parte do problema.

Hoje, as necessidades de aprendizagem mudam a um ritmo alucinante. Com a chegada de tecnologias como a inteligência artificial generativa, ferramentas como o ChatGPT, e a automação de tarefas cognitivas, a educação tradicional revela-se ainda mais obsoleta. Precisamos de uma nova gramática pedagógica, centrada não na memorização, mas na capacidade de adaptação. No “aprender a aprender”. Na criatividade, na comunicação, na cooperação. Em competências técnicas, sim, mas também humanas — e



sobretudo combinadas.

Neste novo cenário, emergem abordagens alternativas que nos mostram o caminho. A 42 e o TUMO são dois exemplos de modelos educativos radicalmente diferentes. Sem professores, sem aulas, com desafios gamificados, aprendizagem entre pares e forte autonomia dos alunos. A tecnologia não é um complemento — é o motor do processo. A motivação não é imposta — é cultivada. E os resultados vão muito além da técnica: constroem-se cidadãos curiosos, resilientes e colaborativos.

Na 42, por exemplo, não há professores, nem aulas. Em vez disso, existe uma plataforma gamificada com desafios progressivos, que os alunos resolvem de forma autónoma, colaborativa e em aprendizagem entre pares. O foco está na resolução de problemas reais, no desenvolvimento de competências técnicas e pessoais, e na construção de uma trajetória individual. Já o TUMO aposta numa abordagem híbrida, combinando o trabalho autónomo dos jovens com sessões presenciais orientadas por especialistas — sempre com base na motivação intrínseca e no empowerment dos alunos.

Estes modelos são também mais acessíveis. Com o apoio de inteligência artificial, realidade aumentada, vídeos gerados por texto e plataformas digitais, é possível criar experiências educativas envolventes a uma fração do custo da educação tradicional.

Mas para que estas novas abordagens floresçam, será necessária uma verdadeira reforma. O sistema público de ensino está hoje fortemente condicionado por uma estrutura altamente centralizada, regulamentada e burocrática. Inovar é difícil. Experimentar é arriscado. E a diversidade — essencial para a evolução de qualquer ecossistema — continua a ser vista com desconfiança.

A qualidade da educação nasce da liberdade de criar, adaptar e errar. Da concorrência saudável entre modelos. Da capacidade de dar resposta às motivações e ao ritmo de cada aluno. E, sobretudo, da coragem de imaginar uma escola diferente.

Temos urgência — e esperança. Porque no coração da mudança está, sempre, uma pergunta essencial: que tipo de aprendizagem queremos construir para o mundo que está a nascer?

III CONFERÊNCIA
**MANUEL
FERREIRA
PATRÍCIO**
Novos caminhos
para uma educação
integrada

Capítulo 4

Assinatura de protocolo

Universidade de Évora, Coração Delta
e Comissão Liquidatária da AEPEC

Assinatura do Protocolo que envolve a Universidade de Évora, a Associação Coração Delta e a Comissão Liquidatária da AEPEC - Associação de Educação Pluridimensional e da Escola Cultural.

Nos termos deste documento, a AEPEC cede ao Centro Educativo Alice Nabeiro o estudo e edição crítica da obra do Professor Manuel Ferreira Patrício, contida em 166 cadernos manuscritos na posse do Centro de Investigação em

Educação e Psicologia da Universidade de Évora, mantendo este o controlo do acesso físico aos cadernos.

Este protocolo vai agora ser assinado pela Reitora da Universidade de Évora, Professora Hermínia Vilar, pela presidente da Associação Coração Delta, Rita Nabeiro, e por Maria Emília Apolinário, em representação da Associação de Educação Pluridimensional e da Escola Cultural:



III CONFERÊNCIA
**MANUEL
FERREIRA
PATRÍCIO**
Novos caminhos
para uma educação
integrada

Capítulo 5

Momento musical

"Decem Chordis"

Na sua passagem pela Universidade de Évora, como docente e Reitor, o Professor Manuel Ferreira Patrício deixou um importante legado na área da Musicologia.

Homenageando essa vertente, vamos ter já de seguida a atuação de um grupo de estudantes de Música na Academia eborense.

"Decem Chordis" é um trio composto por Beatriz André na guitarra, a soprano Nádía Bento e a mezzo-soprano Maria da Graça Antunes.

Este projeto surgiu no seio da licenciatura em música da Universidade de Évora, fruto do gosto partilhado pela música erudita.

Após o término da licenciatura, o grupo decidiu dar-lhe continuidade.

Atualmente conta com repertório erudito e participa em atividades do mais diverso cariz.

Vamos ouvir três peças. As duas primeiras são "Asturiana" e "Nana", ambas pertencentes às "Siete Canciones Populares Españolas" do compositor Manuel de Falla; e a terceira "La Pesca", de Rossini.



III CONFERÊNCIA
**MANUEL
FERREIRA
PATRÍCIO**
Novos caminhos
para uma educação
integrada

Capítulo 6

Sessão de Encerramento

Rita Nabeiro

Presidente da Direção do
Coração Delta

Cabe-me fechar a 3ª conferência Manuel Ferreira Patrício, este ano, dedicada aos “Novos caminhos para uma educação integrada”.

É com alegria e satisfação que o faço, não só, pela forte ligação ao Professor Manuel Ferreira Patrício, mas também na qualidade de Presidente da Associação Coração Delta que, como sabem, agrega vários serviços, entre eles o Centro Educativo Alice Nabeiro, onde o Professor Patrício foi o primeiro Diretor pedagógico e autor do programa pedagógico-cultural.

Um programa pensado para corresponder às necessidades de formação, em sintonia com aquilo que a minha família há muito ambicionava para as crianças e jovens de Campo Maior. Desde então já passaram 17 anos!

Uma palavra de agradecimento aos oradores: professor Rui Proença Garcia e ao professor Pedro Santa Clara pela disponibilidade e partilha, pelo conhecimento e pela troca de experiências. Muito obrigada!

Estou certa de que este momento de partilha, enriqueceu a nossa reflexão sobre a vida e obra do Professor Manuel Ferreira Patrício e, principalmente, reafirmou o nosso compromisso com a construção de um sistema educativo mais holístico, inclusivo e preparado para os desafios do futuro.

A educação é, sem dúvida, um dos pilares



3ª Conferência Manuel Ferreira Patrício

fundamentais da nossa sociedade.

Ao longo da manhã, creio que ficou evidente que, quando falamos em educação integrada, não falamos apenas de uma tendência ou conceito teórico, falamos de uma necessidade num mundo totalmente conectado e cada vez mais complexo.

A propósito desta visão integrada gostava de partilhar uma história pessoal.

Em abril deste ano visitei o Butão. O país em que o IV rei disse que mais importante do que medir o PIB seria medir o FIB - a Felicidade Interna Bruta. Estávamos então nos anos 70. E por felicidade ele não se referia à ideologia da felicidade – que hoje contamina



todos os planos da vida e que tem disseminado de forma maciça a frustração, a tristeza e a infelicidade. Refere-se sim, a uma visão holística do bem-estar das pessoas e da sociedade em geral.

No dia da chegada encontrei escrita numa parede de uma escola a seguinte frase: “excellence in body, mind and speech”, (excelência no corpo, mente e oratória). Este enquadramento em torno do equilíbrio de diferentes vertentes não é marketing, como

muitos querem fazer passar. Assenta numa cultura que é ensinada e alimentada desde cedo.

São nove os domínios deste GNH (Gross National Happiness): educação, diversidade cultural, boa governança, vitalidade da comunidade, diversidade ecológica, padrões de vida e bem-estar psicológico.

Tive a oportunidade de visitar o Parlamento do Butão e algumas escolas e vi como colocam em prática esta teoria. Para mim foi um enorme privilégio visitar e aprender tanto com este país de apenas 800 mil habitantes.

Mas o mundo está cada vez mais complexo e desafiante. Cabe-nos a nós, instituições, educadores e profissionais do ensino, preparar os nossos jovens para, no futuro, serem cidadãos globais, com competências que superem as barreiras geográficas, culturais e sociais.

E para isso, precisamos prepará-los de forma integrada, obviamente, com conhecimento académico, mas também, e não menos importante, com competências tecnológicas, sociais e emocionais.

Vivemos numa era digital, onde as competências tecnológicas são cruciais. A tecnologia, com o crescimento exponencial da inteligência artificial está, como sabemos, presente em todos os aspetos da nossa vida, do trabalho ao lazer, da forma como nos comunicamos à maneira como trabalhamos e aprendemos. Portanto,

É determinante, que os nossos jovens adquiram competências tecnológicas desde cedo, para serem fluentes digitalmente, capazes de, em consciência desenvolverem conteúdos e navegaem neste novo panorama digital.

Contudo, a abordagem educativa deve ser integrada e equilibrada. Precisamos educar os nossos jovens e os educadores para usarem a tecnologia de uma forma saudável e consciente, enquanto promovemos a importância da interação social, a empatia e o apoio mútuo.

Outro aspeto relevante a ter em conta é, de facto, a

saúde mental. É uma preocupação crescente e tem de ser endereçada, obrigatoriamente, como qualquer outro aspeto relacionado com o desenvolvimento individual de cada jovem.

A escola é um verdadeiro instrumento para a construção integral do ser humano e, portanto, também deve ser um espaço seguro e de acolhimento, onde cada aluno se sinta integrado, valorizado e apoiado. Por isso, é tão importante a existência de serviços de apoio aos estudantes que promovam programas de saúde mental, com apoio psicológico acessível e iniciativas que incentivem o bem-estar emocional.

Talvez aqui, valha a pena destacar a importância da educação física como pilar estruturante no desenvolvimento e promoção de um estilo de vida saudável, mas também pela possibilidade de desenvolver competências sociais, como o trabalho de equipa, a resiliência, a disciplina e a liderança. Além de que, o desporto é, na maioria das vezes, uma forma poderosíssima de inclusão social, oferecendo oportunidades para todos, independentemente da sua origem ou até mesmo capacidade.

Ao trabalharmos o corpo e a mente, formamos seres humanos completos, capazes de se desafiarem a si próprios e de encontrarem o equilíbrio necessário para evoluírem, retendo lições valiosíssimas para o futuro, sobre cooperação, respeito e também autossuperação que, como sabemos, se podem refletir nos estudos, no trabalho, em todos os momentos da vida.

Assim, ao pensarmos na “educação como oficina da humanidade” estamos, na verdade, a valorizar cada elemento que contribui para o desenvolvimento integral do ser humano.

Dito isto, talvez seja pertinente avaliarmos os currículos escolares. É imperativo que os programas educativos, integrem, desde o pré-escolar ao ensino superior, competências tecnológicas, que promovam a saúde mental

e valorizem o bem-estar físico e a criatividade.

hoje, saímos daqui com a certeza de que há muito trabalho pela frente. Mas também saímos com a profunda convicção de que estamos no caminho certo.

Devemos, agora, transformar muitas das ideias e conceitos partilhados em ações concretas. Fortalecer parcerias, de forma a garantirmos a igualdade de oportunidades, acautelar percursos saudáveis e desenvolver um trabalho que vise, sempre, a cidadania.

A meu ver, as parcerias deverão ter sempre um denominador comum – empatia, só assim, será possível manter um espírito colaborativo, um ambiente mais inclusivo.

Outros aspetos relevantes, e que não podemos esquecer: - continuar a investir na formação contínua dos nossos educadores, inovar nas práticas pedagógicas e, acima de tudo, estarmos atentos e escutar os nossos jovens, envolvendo-os no processo de construção do seu próprio projeto educativo. Que possamos levar adiante o espírito de colaboração e inovação que partilhámos aqui.

Encerramos, então, esta 3ª Conferência Manuel Ferreira Patrício, com o compromisso renovado de continuarmos a trabalhar juntos por uma educação integrada, que respeite a individualidade de cada jovem, que possamos preparar as futuras gerações para os desafios e oportunidades e, em particular, que possamos impactar a vida daqueles que têm menos oportunidades (como acabámos de ver com o projeto da escola 42 e da TUMO).

Termino, renovando a energia, a mesma determinação e entusiasmo que nos move todos os dias na construção conjunta de uma educação inovadora que realmente faça a diferença, com uma visão holística que inspire, que seja transformadora. Uma educação que seja uma verdadeira “oficina da humanidade”.

Muito obrigada!

Pedro Dantas da Cunha

Secretário de Estado da
Administração e Inovação
Educativa



A realidade e o conhecimento.

Manuel Ferreira Patrício, há muito, viu o que não estávamos a ver. Viu que a divisão cartesiana do conhecimento, a divisão em disciplinas isoladas, a segmentação, não fazem sentido. Como a realidade, o conhecimento é sempre, se a quiser descrever e explicar, multidimensional, complexo.

Quando uma criança faz uma pergunta sobre a realidade que a interpela, não se refere a nenhuma disciplina em concreto. A pergunta é a pergunta, a realidade é a realidade. Cabe aos educadores a criação dos contextos apropriados, para que a curiosidade seja satisfeita, dando espaço a novas perguntas.

“O homem representa o real, sente o real afetivamente e age sobre o real. Fã-lo sempre axiologicamente, ou seja, dá valor ao que representa, ao que sente e ao que faz.” - Manuel Ferreira Patrício.

Na escola, que lugar reservamos nós para ação, para a intervenção sobre o real, para o “fazer”? Fazer é ir para além do “aprender

sobre”. Enquanto a escola se dedicar apenas ao aprender sobre, não estamos a intervir sobre o real, estamos apenas a contemplar o real.

Da mestria ao mistério.

O grande desafio atual para os professores é a evolução da mestria para o mistério. O mistério da aprendizagem, o mistério da relação que se cria ...Nada há de mais básico e fundamental que a relação que se estabelece entre aluno e professor. E é isto que os professores fazem como ninguém. Os professores sabem que o mistério não é ensinar apenas aquilo que sabem, mas sobretudo ensinar quem são. É esse o seu verdadeiro legado.

Quando Manuel Ferreira Patrício nos questiona sobre a integridade do ser humano na educação, ele questiona-nos para esta capacidade que temos que ter de olhar o sujeito na sua plenitude, psicológica, afetiva e relacional.



III CONFERÊNCIA MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

**Novos caminhos
para uma educação
integrada**

A presente edição da Conferência Manuel Ferreira Patrício foi a terceira de um ciclo que tem como objetivo central assumir-se como um espaço de reflexão e debate sobre a Educação, abordando matérias prementes e estruturantes para a sociedade portuguesa.

